



## “Embaixadores do Narcosul”: discussão sobre as práticas éticas e profissionais do Jornalismo Investigativo.

**Paulo A. A. Velloso**<sup>1</sup>

Universidade Veiga de Almeida (UVA)

**Mônica C. P. Sousa**<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

**Resumo:** O presente artigo propõe uma reflexão e análise das técnicas, condutas éticas e postura do profissional do jornalismo investigativo. Para isto, é analisada a reportagem “Embaixadores do Narcosul” do jornalista Guilherme Amado, publicada pelo jornal entre os dias 25 de maio e 8 de junho de 2014. A partir de uma entrevista realizada com o jornalista Guilherme Amado pelos autores do trabalho e de análises bibliográficas, o estudo aborda os caminhos de produção da reportagem investigativa. A proposta é aliar os métodos jornalísticos de apuração da reportagem apontados por Guilherme Amado na entrevista com os manuais éticos e profissionais do jornalismo. Para o escopo teórico do trabalho são fundamentais os trabalhos de Rogério Christofolletti, Ricardo Noblat e Mark Lee Hunter.

**Palavras-chave:** Jornalismo Investigativo; Ética Jornalística; Embaixadores do Mercosul; Apuração.

### 1. De que jornalismo estão falando?

Os estudos que giram em torno do jornalismo investigativo, seus recursos e métodos são recentes se comparados à história do Jornalismo. Até hoje, muitos profissio-

---

<sup>1</sup> Graduado em jornalismo pela Universidade Veiga de Almeida. Ex-jornalista da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Pós-doutoranda PPGCom UERJ. Doutora pelo PPGCom UFF. Membro do Grupo de pesquisa Geografias da Comunicação. Docente na Universidade Veiga de Almeida. [monica.cpsousa@gmail.com](mailto:monica.cpsousa@gmail.com). Orientadora do trabalho.

nais desconsideram essa ramificação da área jornalística, ocasionando assim, publicações cujas informações são de origem duvidosas. O presente trabalho remete reflexão de todos os métodos de obtenção de informação de maneira ética e profissional nas atividades investigativas.

Alguns jornalistas e teóricos acreditam que o termo o “jornalismo investigativo” é redundante e outros completam dizendo que seria “o bom e velho jornalismo”. A falta de legitimação dessa área e o desconhecimento de suas técnicas, impossibilita construir reportagens mais sérias sem recorrer aos tropeços e a leviandade. Ao debater casos como os “Embaixadores do Narcosul” do jornalista Guilherme mostra o quanto o gênero investigativo é importante para a atualidade. Narrando fatos empolgantes e ocultos que até então a sociedade desconhecia. A reportagem investigativa surge a partir de hipóteses ou numa simples conversa com alguma fonte.

Todas essas histórias só realçam a necessidade das empresas jornalísticas possuírem um profissional que tenha gabarito em investigação. Numa breve volta ao passado, o marco do conceito de Jornalismo Investigativo é o Caso Watergate que ocorreu em 1972 nos EUA. Tal episódio ocorreu quando um grupo de cinco pessoas tentou invadir a sede do Comitê Nacional Democrática, os invasores foram presos quando estavam fotografando documentos e instalando grampos nos telefones. Esse acontecimento chamou a atenção de dois repórteres do Jornal *The Washington Post*. Depois de muita apuração, eles descobriram que a invasão tinha ocorrido pelos apoiadores do Partido Republicano (Richard Nixon). Os dois jornalistas descobriram uma fonte que confirmou e provou toda a hipótese montada pelos dois profissionais, o presidente e candidato a reeleição, Nixon sabia das operações ilegais e isso fez com que renunciasse.

O Jornalismo Investigativo é a forma extrema de reportagem, no qual o tempo e a dedicação no levantamento de dados e informações de um tema são totalmente longos, ao contrário das rotineiras. Tentando definir o jornalismo investigativo, Lage (2001) caracteriza-o como guardião da sociedade no qual tem o direito e o dever de colocar em evidência as mazelas presentes ou passadas de um campo social, tendo um esforço para contar s fatos como eles são, foram ou deveriam ter sido.

A construção de uma reportagem investigativa é diferenciada por apresentar técnicas diferentes das que usadas em reportagens do cotidiano. Técnicas como a das hipó-

teses, como usada pelo jornalista Guilherme Amado, mostram que esse jornalismo é totalmente diferente dos demais. Essas técnicas levantam debates e reflexões de cunho ético sobre as atividades dos jornalistas investigativos. Como por exemplo, a obtenção de informação, tais como: gravadores, câmeras escondidas e disfarces. Todos esses métodos caminham de forma tênue na linha da ética profissional, qualquer erro pode ser fatal.

No último tópico, a reportagem a ser analisada é sobre os “Embaixadores do Narcosul” do jornalista Guilherme Amado. O jornalista conta como oito traficantes da América Latina fizeram um bloco econômico ilegal que movimenta milhões por ano.

Apresentar um início do jornalismo investigativo e suas práticas é um desafio. O gênero que durante muito tempo se confundiu com os conceitos da “Grande Reportagem”, só começou a ser estudado e reconhecido a partir da década de 80 nos EUA. Neste estudo, compreender a evolução dessa prática ao longo dos anos é fundamental.

De acordo com Burgh (2008), o jornalismo investigativo pode ter começado no século XVIII pelo jornalista e racionalista, o inglês William Cobbet (1763-1835). O autor relata que Cobbet fez o que ele classifica como aspecto fundamental do jornalismo investigativo, é de não ter medo de revelar fatos que desagradam o poder. O racionalista inglês prestou serviço militar e quando saiu, denunciou os seus superiores que desviavam dinheiro público.

Ao longo dos anos, algumas atividades e técnicas investigativas como as de disfarces da jornalista norte-americana Elizabeth Jane Cochran começaram a ficar famosas. Porém, foi a partir do século XX nos EUA que as atividades investigativas começaram a ficarem mais conhecidas. Como Sequeira (2005) relata em seu livro “Jornalismo Investigativo: o fato por trás da notícia”, com a guerra do Vietnã, fez com que os jornalistas norte-americanos fiscalizassem mais os trabalhos políticos do seu país.

O repórter investigativo tem como missão, descobrir a verdade e localizar lapsos em qualquer plataforma midiática. E esse trabalho difere, mesmo que a princípio seja parecido como da polícia, advogados, auditores e instituições regulatórias, pois não se limita ao público-alvo, não possui fundamentos legais e é estreitamente vinculado à publicidade (BURGH, 2008).

De acordo com Moral (2004, apud FARAH e SANTOS, 2015) o jornalismo investigativo é definido como uma forma de trabalho que denúncia pessoas, instituições ou empresas que ameaçam o interesse do público. O autor conclui que essa modalidade de se fazer jornalismo tem como estilo, o aprofundamento de questões que ocorrendo no meio social apresentando os seus significados para a sociedade.

Na formação e construção de qualquer reportagem investigativa, o jornalista precisa estar atento ao que acontece ao seu redor, e muita das vezes é criada uma ideia de tema e a partir disso começa um estudo se é viável ou não a pauta. Como os teóricos Zapler e Bracamonte (2009) que defendem a utilização de hipóteses para tentar justificar a iniciação de um processo investigativo sobre algum tema. De acordo com os autores, quando o repórter parte para as seguintes perguntas: “O que estou pesquisando?” E “Qual é a importância da pesquisa?”, ele vai seguir numa ordem mais clara para o desenvolvimento das inúmeras questões que a pauta vá sugerir.

Hunter (2013) enaltece a utilização da técnica das hipóteses para compor um “norte” na produção investigativa. “Uma boa parte daquilo que chamamos de “segredos” é simplesmente composta por fatos sobre os quais ninguém havia perguntado. Uma hipótese tem o efeito psicológico de torná-lo (a) mais sensível às matérias em questão, para que então possa fazer essas perguntas.” (HUNTER, 2013).

Porém, o autor realça a importância de tomar cuidado com a utilização de hipóteses. Hunter defende o bom senso do jornalista para realmente ver se sua hipótese está levando para algo verídico ou para alguma mentira. “[...] Uma investigação baseada em uma hipótese é uma ferramenta que pode cavar uma boa medida de verdade, mas ela também pode cavar uma profunda cova para os inocentes” (HUNTER, 2013: p.17).

Com isso, é importante para o jornalista investigativo tomar cuidado com as fontes. O Jornalismo Investigativo trabalha de forma diferente do convencional quando se trata de fontes. Na visão dos autores Martino e Silva (2013) o jornalismo investigativo é caracterizado por se negar a captar informações de fontes oficiais, como assessorias ou qualquer fonte institucional. A procura dessa informação diferencia das rotinas profissionais do trabalho cotidiano. Guerra (2007, apud MARTINO e SILVA, 2013) analisa o jornalismo comum como refém das assessorias de imprensa para publicar quaisquer assuntos, de política à economia. Já o jornalismo investigativo prega pela ação do repór-

ter como um construtor da notícia, colaborando todo o caminho interpretativo do fato e negando esse recurso diário utilizado nas redações.

### **Tudo pela notícia?**

Antes de estabelecer uma discussão sobre os limites éticos que giram em torno dos trabalhos investigativos, precisa-se descobrir a sua origem e o seu significado. A palavra “ética”, em grego ethos (o prefixo ethos significa “caráter” e “hábito” ou “costume”), é conceituada como um conjunto de normas de valor moral presentes numa pessoa. Todo esse significado não menciona nenhuma espécie de regras para que o indivíduo se comporte numa sociedade.

Gomes (2004, apud GONÇALVES, 2010) define ética como um campo filosófico que trabalha com análise dos próprios valores e comportamentos humanos, tentando descobrir seus sentidos, sua origem, e finalidades.

Ao conduzir o termo “ético” para as atividades jornalísticas, Christofolletti (2008) afirma que o exercício da ética no jornalismo está mais como rótulo do que um acessório para ser usado nos diversos trabalhos rotineiros de um jornal. O autor aponta uma associação da conduta ética com a própria qualidade técnica de produção jornalística. Para ele, o jornalismo é uma atividade humana como qualquer outra e que está passivo de sofrer mudanças conforme as relações. Ele conclui que a ética fica na distância entre as pessoas.

No jornalismo investigativo, toda conduta ética e trabalho jornalístico ganham uma proporção maior. Mas mesmo assim o debate sobre a postura ética nesse gênero jornalístico ainda são poucos debatidos nas Universidades. Como afirmam Martino e Silva (2012), a doutrina investigativa sofre um pouco de entrave no sentido de reflexão tanto do meio acadêmico quanto dos ambientes profissionais, em frente aos outros gêneros jornalísticos. E completam ao questionarem a poucas existências de manuais ou alguma espécie de análise sobre essa área.

Durante todo o processo de apuração de informações numa reportagem investigativa, algumas técnicas utilizadas por jornalistas podem confrontar o Código de Ética dos Jornalistas. Sequeira (2005) diz que algumas estratégias de apuração usadas pelos repórteres podem ser limitadas por causa dessa questão ética.

Quando se trata de jornalismo investigativo, o trabalho do repórter tende atravessar uma linha bastante tênue sobre a conduta ética. Lopes e Proença (2003) retratam que o trabalho jornalístico é revestido de uma ética rígida e profissional, a qual garante que as informações publicadas sejam totalmente completas e exatas. Os autores completam: “É fundamental que se assegure de que não está arruinando injustamente a reputação de ninguém a partir de informações superficiais ou tendenciosas” (LOPES E PROENÇA, 2003: p.15).

Em seu livro, Noblat (2002) confessa que na época que trabalhava no Jornal do Brasil, ao fazer uma reportagem, precisou se passar por major da Polícia Militar. Porém defende que o jornalista não pode utilizar nenhum mecanismo para obtenção de informação. Mesmo assim, ele aconselha a não mentir para o seu entrevistado, gravar conversas sem autorização, violar leis e no fim rasgar os códigos de conduta por conta de uma reportagem. Porém ele não é o único, o jornalista Guilherme Amado (2017) confessou que utilizou dessa mesma artimanha para obter uma determinada informação. Ele conta que estava no Hospital Getúlio Vargas, cobrindo um caso de um morador do Complexo do Alemão, ferido por uma bala de borracha da polícia militar que estava na ocupação do Alemão. E para ele entrar na unidade junto com a família, precisou se passar por amigo deles. Mas ressalta: “Então, depende do caso, embora a verdade esteja sempre na preferência, todas essas ações (mentiras) precisam ser usadas na última instância”, disse Amado (2017).

Nas questões das identidades falsas, gravadores de som, câmeras ocultas, revelações de segredos de Estado, Lage (2000) não concorda que os fins podem justificar os meios, e que muitas vezes podem ocasionar incertezas dessas informações ao confrontar com o resultado. Fortes (2005) questiona até onde o repórter pode praticar essas técnicas e chegando violar as leis. Para ele, tudo gira em torno da honestidade de quem faz das circunstâncias da reportagem e até mesmo dos estabelecimentos de limites que o bom-senso e a ética inevitavelmente impõem ao profissional.

Baltazar (2014) segue o raciocínio do Lage, porém lembra que é uma marca registrada do jornalismo investigativo a de divulgar fatos de certos grupos que querem deixar ocultas na sociedade. E de forma bastante inevitável, acabam batendo em questões éticas, principalmente durante a apuração e na pesquisa documental.

Sequeira (2005) aprova esse tipo de postura de alguns jornalistas. Para ela esses métodos empregados pelos profissionais seguem exatamente o que o Código de Ética do Jornalismo determina: “Combater e denunciar todas as formas de corrupção, em especial quando exercida com o objetivo de controlar a informação”. Na lógica contrária, Pena (2012, p.202 apud BALTAZAR, 2014) questiona se com essas técnicas vale a pena infligir às leis, porém condenar ou não a prática às vezes nem é fácil. “Denunciar uma ilegalidade por meio de outra ilegalidade me parece uma lógica idiota. Ao contrário do ditado popular, ladrão que rouba ladrão não deve ter cem anos de perdão. Deve ir para cadeia. Mas o assunto não é tão simples assim”.

### **Os “Embaixadores do Narcosul”**

A reportagem investigativa publicada pelo jornalista Guilherme Amado no EXTRA em 2013, proporcionou um debate que jamais foi feito sobre o tráfico de drogas na América Latina. Com uma série que durou 9 dias no jornal impresso carioca, Guilherme apresenta ao leitor como o tráfico de drogas no continente vai muito além do que é visto normalmente. Possuindo o financiamento do Instituto Prensa y Sociedad (Ipys) junto ao EXTRA, o jornalista percorreu durante trinta dias, cerca de quatro países da América do Sul, tais como: Brasil, Bolívia, Paraguai e Peru. Ele constatou que existem oito embaixadores que juntos fizeram um bloco econômico para a realização de suas práticas criminosas que já dura há mais de 10 anos.

Sobre o surgimento da pauta, Guilherme Amado conta na entrevista realizada para este trabalho, que tudo começou a partir do concurso elaborado pelo Ipys que exigia pautas sobre crimes organizados. O jornalista do EXTRA e o seu editor, Fábio Gusmão utilizaram o método das hipóteses para a elaboração da reportagem. Essa técnica é bastante defendida pelos teóricos dessa estratégia para ver a viabilidade dessa reportagem. Autores como Zapler e Bracamonte (2009), mostram que a utilização das hipóteses colabora com a justificativa de um processo investigativo, como conta o repórter: “Sim, foi o editor que apresentou a ideia da pauta para mim. Lembro que ele disse: ‘ Por que você não faz uma grande reportagem sobre o tráfico de drogas na América do Sul? E que mostrasse como funciona’. Fábio Gusmão foi repórter de polícia há muitos anos e ele tinha uma hipótese que Brasil, Bolívia, Paraguai e Peru tinham a produção ou comercialização das drogas tão grande como se fosse um bloco econômico.

Invés do bloco diplomático seria o de tráfico de drogas. Invés do MERCOSUL seria Narcosul...”.

Ao ser questionado sobre o motivo da utilização “embaixadores”, o profissional responde que ele tentou humanizar a organização criminosa. Mesmo de forma pretensiosa, o termo utilizado se deve pela maneira que esses grupos sem comportam.

Ao longo da série, com as pessoas envolvidas no combate do narcotráfico, fui perguntando sobre a minha pertinência de utilizar esse termo. “É “forçação” dizer que essas organizações criminosas têm uma integração superior a integração oficial dos seus países?” e durante a apuração confirmei a minha teoria (AMADO, 2017).

Na própria reportagem, o jornalista mostra que criminosos como Luiz Carlos da Rocha (Cabeça Branca), preso em julho de 2017 em Mato Grosso<sup>3</sup>, que utilizava laptops e redes sociais para movimentar e gerenciar seus negócios. Como Amado (2014) escreve na reportagem, os Embaixadores do Narcosul se equiparam aos executivos do que criminosos em favelas. Ao longo da reportagem, ele trata os oito embaixadores como articuladores que fazem seus acordos, mas também formam suas próprias leis. Com um tripé formado por corrupção de agentes públicos, a inexistência de Estado nas fronteiras e a falta de cooperação efetiva entre os sistemas judiciais, promovem um crescimento acentuado de certos grupos criminosos no continente.

As características iniciais dos Embaixadores do Narcosul na reportagem são de agregar atributos de cada país, onde atua. Peru e Bolívia são os maiores produtores mundiais de cocaína, pasta, base e outros derivados da coca. O Paraguai é responsável pela produção de maconha. Já o Brasil, é o segundo no ranking mundial de consumo de cocaína e derivados, além de ser o principal intermediário entre os produtores da América do Sul e África e Europa, Amado (2014).

O surgimento dos pactos ocorreu no início dos anos 2000, com o traficante “Cabeça Branca” que controla o transporte de cocaína produzida no Peru e na Bolívia para a fronteira do Paraguai e de lá, para consumidores brasileiros e para o exterior. Jair Ardela Michue, codinome “Javier” entrou em 2006 para o Narcosul, ele ficou responsável pelo refino e tráfico para o Norte e o Nordeste do Brasil e tendo o Trapézio Amazônico como

---

<sup>3</sup> <https://oglobo.globo.com/brasil/preso-pela-pf-maior-trafficante-do-brasil-movimentou-12-bilhao-21596858>



principal local para o cultivo de folha de Coca e lavava o dinheiro do tráfico em oficinas mecânicas. Outros apontados na reportagem de Amado (2014), como o traficante paraguaio Carlos Sanchez, codinome “Chicharö” que comprava maconha de intermediários no Paraguai e revendia para traficantes do Mato Grosso do Sul e do interior paulista. Também fornecia para a maior facção do país, baseada em São Paulo e também tinha feito alianças com o traficante “Cabeça Branca”. Já o traficante Javier Ximenes Pavão comprava maconha no departamento de Amambay e cocaína com bolivianos em Santa Cruz de La Sierra e a sua organização criminosa possuía próprios aviões para realizarem entregas no Brasil. O Erineu Soligo, codinome “Pingo”, era responsável por combinar rotas aéreas e terrestres para chegar no Rio e São Paulo, além da região Sul do Brasil.

Já o Maximiliano Dorado, codinome “Max” entregava mensalmente cerca de 400 quilos de cocaína para a principal São Paulo. Já Lourival Máximo da Fonseca, codinome Tião, que continua foragido, comprava drogas na Bolívia e revendia para o Primeiro Comando da Capital, que é a maior facção de tráfico de drogas no Brasil, que opera a partir de São Paulo e de acordo com a Polícia Federal, ele teria uma conexão na Europa para a exportação das drogas. E o oitavo embaixador, de acordo com a reportagem de Amado (2014), o traficante brasileiro, Marcos Willians Herbas Camacho, conhecido como “Marcola”. Ele é responsável pela compra de maconha de traficantes na fronteira entre Brasil e Paraguai, com a cocaína do traficante “Cabeça Branca”, “Pavão” e “Pingo”. Depois revendia para as organizações criminosas do Rio de Janeiro e exportava para a Europa.

Na reportagem que foi publicada no dia 28 de maio de 2014, Amado (2014) quais agentes públicos são envolvidos pela influência desses embaixadores. Num dos exemplos citados pelo jornalista para mostrar todo o poder desses traficantes, o brasileiro Jarvier Ximenes Pavão. O narcotraficante tinha uma vida confortável na prisão, com dois computadores, impressora, televisor de tela plana e geladeira. Toda essa mordomia na penitenciária nacional de Tacumbu, em Assunção, capital do Paraguai, se deve pelo pagamento diário de US\$ 300(aproximadamente R\$ 600). Amado (2014) apresenta como a corrupção de agentes públicos é um problema muito enraizado nesses quatro países que fazem parte do Narcosul.

O EXTRA fez um levantamento de casos de corrupção de agentes públicos nos quatro países em que os embaixadores do Narcosul operam. No Brasil. O envolvimento de que se tem mais notícia é o de polícias militares e civis com traficantes. A PF investiga seis casos de agentes federais. No judiciário e o Congresso Nacional, nunca houve condenação de juiz ou congressista por este tipo de delito (AMADO, 2014, p.3).

Ao longo do texto, exemplos da impunidade são apresentados ao leitor como algo normal nesse bloco econômico do crime. A procuradora nacional antidrogas do Peru, Sonia Medina, investiga o envolvimento de parlamentares peruanos no narcotráfico. Durante a última década, ela acusou e condenou cerca de dez juízes por serem corrompidos por traficantes, Amado (2014). Outro caso apresentado pelo jornalista é do procurador paraguaio Marco Alcaraz, ele conta que o país já condenou um promotor envolvido com o tráfico de drogas, que roubou aproximadamente R\$ 400 mil apreendido com um comparsa de Fernandinho Beira-Mar.

Toda essa influência dos embaixadores em setores públicos dos quatro países pode ser vistas com a apuração realizada pelo jornalista, no qual teve acesso a um levantamento do nível de corrupção nos países, onde os criminosos possuem maior influência nos governos públicos.

Segundo o último levantamento da Transparência Internacional, entidade que mapeia a percepção da corrupção no mundo, a Bolívia ocupa a 106ª posição no ranking da corrupção. O Brasil está em 72ª posição, o Paraguai, na 150ª posição, e o Peru na 83ª posição. A percepção da corrupção por sistemas judiciais na Bolívia ficou em 76% dos entrevistados. No Brasil, foi de 50%. No Paraguai 79%. No Peru, 85% (AMADO, 2014, p.3).

Ao ser perguntado como ele conseguiu as informações e os contatos com fontes confiáveis para a construção dessa investigação e se sentiu algum medo ou receio de continuar a reportagem por conta da influência dos embaixadores em todas as esferas da sociedade. Guilherme disse que a pré-produção foi fundamental para direcioná-lo as fontes certas e não sentir que estava pisando em ovos durante toda a apuração. De acordo com o jornalista, tudo começou com as fontes já conhecidas e de total confiança do repórter e a partir delas, ele conseguiu criar uma rede de fontes.

Eu comecei a fazer uma espécie de “rede de fontes” que funcionava da seguinte forma. A partir das fontes que eu já tinha aqui no Brasil, fui pedindo indicação delas para chegar a outras fontes que fossem totalmente de confiança delas e que possuem o mesmo de mim. Já o segundo patamar de fontes, muitas vezes já tinham informações que me ajudassem, porém mesmo eles

fornecendo informações, pedia para que me colocassem em contato com outras fontes. E a partir disso, vieram as fontes de outros países que fossem de totais confianças deles. Que não só de passar a informação, mas também de não me colocasse em alguma situação de perigo ( Amado, 2017).

O poder dessas organizações não fica apenas na influência dos poderes públicos, conseqüentemente isso favorece a outra prática conhecida há muitos anos na América do Sul, o transporte aéreo. O tráfico pelos céus americanos cresceu tanto que até houve crescimento de cursos de piloto, uma das principais lugares utilizados para esse curso acontece na Bolívia, precisamente em Santa Cruz de La Sierra. De acordo com Amado (2014), existia na região apenas uma academia de pilotagem e já em 2014, passaram a ter sete.

A utilização de monomotores contribui e fortalecem os comércios ilegais entre essas oito organizações que a investigação mostra ao longo do texto. Nesse comércio aéreo são movimentados diariamente cerca de duas toneladas de cocaína

### **Considerações finais**

Os resultados obtidos foram surpreendentes, mas não satisfatórios. Apesar de toda a importância que Jornalismo investigativo tenha, ainda existem entraves para sua realização. A falta de investimentos por parte da grande mídia, principalmente a imprensa dificultam o seu acontecimento.

A falta de dados para apresentar o cenário do jornalismo investigativo também é complicada. As ausências desses números dificultam uma análise atual sobre a realidade investigativa do país. Mesmo com o surgimento da ABRAJI em 2002, que começou regulamentar todas as atividades investigativas, ainda não possuem informações suficientes para apresentar esses aspectos. A frustração foi não ver dados sobre as atividades investigativas no Brasil, os últimos dados remetem a 1995 realizados pela jornalista Cleofe Monteiro.

Outro ponto interessante em destaque são os debates da legitimidade do Jornalismo Investigativo e com isso, ausência de conhecimento de suas técnicas investigativas para a produção impossibilita construir reportagens mais sérias. Os cuidados e as ferramentas utilizadas, como as da “rede de fontes” feita pelo jornalista Guilherme Amado, e até utilização de hipóteses para elaboração de pautas investigativas. Ao mesmo tempo, técnicas como disfarces usados de forma brilhante pela jornalista Nellie Bly colocam a

apuração em outro nível, mesmo com seus riscos. Um desses riscos, como foi visto no segundo tópico, remete os limites éticos do profissional na hora da apuração e obtenção de respostas para as suas perguntas.

Por essas histórias, rotular o termo “jornalismo investigativo” como redundante pode ser uma classificação precipitada. O jornalismo investigativo vai muito além do jornalismo tradicional. Na entrevista com a jornalista Vera Araújo do Jornal O GLOBO, da para perceber o resultado da diferenciação do jornalismo investigativo com os demais. Numa explicação bastante breve, ela definiu jornalismo investigativo como algo inquieto, no qual o repórter não se conforma com o óbvio. “A busca da verdade com o dever de mostrar aos leitores um trabalho diferenciado. A verdade cura”, concluiu.

A análise feita nesse trabalho mostrou o quanto os desafios para se fazer uma reportagem investigativa, em especial em jornal impresso como o EXTRA. A reportagem “Os embaixadores do Narcosul” demorou seis meses para apurada e escrita. Isso mostra o quanto esse estilo jornalístico precisa ter cuidados especiais e tempo. Durante a pesquisa, foi constatado que o Jornalismo Investigativo não acompanha os prazos estipulados pelos jornais. E está cada vez mais raro os jornais impressos separarem os seus espaços para esse tipo de reportagem.

Mas numa análise geral, foi constatado que o jornalismo investigativo é necessário não só para a democracia, mas ela dá um gás em vários tipos de comunicação, como por exemplo, o impresso. O que foi visto através da entrevista com o jornalista Guilherme Amado, é que muitas empresas não estão dispostas a investir a esse tipo de área. No caso do jornalista, ele só fez a reportagem por conta do patrocínio Ipys e um pouco do Jornal que trabalhava. O jornalismo investigativo bate de frente com estilos imediatistas e reportagens quentes, o seu tempo e investimento precisam ser visto com cuidados não só pelo repórter, mas pela sua empresa.

Como acredita Hunter (2013), o jornalismo investigativo precisa ser visto como profissão e um conjunto de habilidades. O autor vai mais além a suas declarações sobre a área, para ele o jornalismo investigativo é uma família.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, VERA. Jornalismo investigativo no Brasil. E-mail, 31 de julho de 2017. Entrevista a Paulo Alberto de Azevedo Velloso.

BRACAMONTE, Carlos; ZAPLER, Enrique Flor. **Periodismo de Investigación: uma Guia Prática**. Proetica,2009.

CHISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**. Editora Contexto, 2008.

DE BURGH, Hugo. **Jornalismo Investigativo: contexto e prática**. Editora Roca, 2008.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. Editora Contexto, 2012.

HUNTER, Mark Lee. **A investigação a partir de histórias – Um manual para jornalistas investigavos**. Editora UNESCO, 2013

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevistas e pesquisa jornalística**. Editora RECORD,2001.

LOPES, Dirceu Fernandes; Proença, José Luiz. **Jornalismo Investigativo**. Editora Publisher Brasil,2003.

NOBLAT,Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. Editora CONTEXTO, 2002.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro. **Jornalismo investigativo, novos desafios**. 2004.

AMADO, Guilherme. **Os Embaixadores do Narcosul**. EXTRA, 2014

AMADO, Guilherme. **Os Embaixadores do Narcosul**. Livraria Travessa – Botafogo (Rio de Janeiro), 17de julho de 2017. Entrevista a Paulo Alberto de Azevedo Velloso.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO (ABRAJI) <<http://www.abraji.org.br/>>. Acessado em 25/10/2017.

BALTAZAR, Glória Maria de Oliveira; SILVA, Cíntia Charlene. **Repórter Investigativo: além da notícia**. Universidade Federal de Juiz de Fora,2014.

## CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo: o fato por trás da notícia**. Editora Summus, 2005.

GONÇALVES, Géssica Brandino. **O papel do jornalista investigativo versus ética profissional**. Universidade de Mogi das Cruzes,2010.

KRAMER, Dora. TIM LOPES ASSASSINADO. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp120620023.htm>>. Acesso em: 17 de julho de 2017.

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo  
VIII Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR)  
FIAM-FAAM / Anhembi Morumbi – São Paulo – 7 a 9 de Novembro de 2018

.....

MARTINO, Luis Mauro Sá; SILVA, Lídia Rogatto. **Paradoxos e fronteiras éticas do jornalismo investigativo na doutrina jornalística brasileira**. 2013.